**MÍDIA E DIVERSIDADE:
REPRESENTAÇÕES EM *ORANGE IS THE NEW BLACK***

Rita de Cássia Moreira da Silva¹
Tatiane Dutra de Godoi Arriel²
Hélvio Frank de Oliveira³

RESUMO: Considerando o papel da mídia na representação das identidades sociais, neste texto apresentamos uma análise interpretativa da comédia dramática *Orange is The New Black*, produzida nos Estados Unidos e distribuída originalmente pela *Netflix*, buscando problematizar a respeito do que é ser uma mulher, negra, homossexual, ou transexual nas relações sociais. Compreendemos a importância de se construírem concepções menos desumanizadoras nas práticas sociais discursivas a partir da focalização e problematização de identidades minoritárias e discriminadas em produções midiáticas, protagonizadas pela presença de xenofobia, homofobia, transfobia, racismo e aversão à religião.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Diversidade. *Orange is the new black*. Raça. Gênero e sexualidade.

**MEDIA AND DIVERSITY:
REPRESENTATIONS IN *ORANGE IS THE NEW BLACK***

ABSTRACT: Based on role of media to represent social identities, in this paper we present an interpretative analysis of *Orange is The New Black*, a television series made in USA and originally distributed by *Netflix*, trying to problematize about what is to be a woman, black, homosexual, or transsexual in social relations. We understand the relevance of constructing more humanizing conceptions in social and discursive practices from focusing and questioning of minority and discriminated identities watched by TV, involving xenophobia, homophobia, transphobia, racism and religious intolerance.

KEYWORDS: Media. Diversity. *Orange is the new black*. Race. Gender and sexuality.

Introdução

¹ Aluna regular de Mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás. Contato: ritadecassia.mor@hotmail.com

² Aluna regular de Mestrado no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás.

³ Professor efetivo do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Campus Itapuranga, com atuação nos Programas *Stricto Sensu*: Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPGIELT) e Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Goiás com estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília. Contato: helviofrank@hotmail.com

Orange is the New Black (OITNB) é uma série distribuída originalmente pela *Netflix*, estreada em 2013. Ambientada em uma prisão feminina de Litchfield (Estados Unidos), a comédia dramática transfere para a produção fictícia a história real de Piper Kerman, na série chamada de Piper Chapman (interpretada pela atriz Taylor Schilling), que é presa 10 anos após seu envolvimento com o tráfico de drogas, influenciada por sua ex-namorada Alex Vause (Laura Prepon).

Dentro da prisão feminina, muitas identidades são representadas e alguns estereótipos são reforçados por atitudes discriminatórias de determinadas presidiárias em relação às outras. É possível perceber a presença da *xenofobia*, se observarmos a relação entre as presidiárias denominadas “hispanicas” e as “americanas”. A começar pelo fato de que elas não socializam entre si, sequer dividem o mesmo banheiro. A mesma observação pode ser feita em relação às negras, que andam apenas com sua própria “turma” e em muitos momentos protagonizam cenas de *racismo*. Por tratar-se de uma prisão feminina, é natural que dentre tantas mulheres algumas assumam a identidade de “lésbicas”, mesmo aquelas que antes de entrarem na prisão identificavam-se como “heteros”, mas acabam envolvendo-se com outras mulheres dentro do ambiente, sendo, também, vítimas de *homofobia*.

Duas personagens específicas, porém, não se encaixam nesses grupos identitários. Uma delas expõe de maneira extremista suas crenças religiosas, influenciando, até certo ponto, outras presidiárias a acreditarem que tudo aquilo que não faz parte dos ensinamentos de Deus não pode ser considerado certo, como a homoafetividade de suas colegas, por exemplo. A personagem chama a atenção das companheiras de “cela” e do espectador para o *radicalismo religioso*. A outra, uma transexual, assume tal identidade de maneira peculiar. Apesar de identificar-se como mulher, não abre mão de suas identidades de *marido* e *pai*. Mesmo assumindo a identidade de transexual/mulher, algumas prisioneiras questionam tal identidade e ela acaba sendo vítima de violência movida pela *transfobia*.

O presente trabalho pretende analisar como se dão as representações das identidades de *raça*, *gênero* e *sexualidade* na série OITNB, a partir da observação de algumas personagens, e como tais identidades são tratadas no contexto prisional. Para tal, é necessário, inicialmente, abordar algumas concepções acerca de *identidade* e de como ela pode ser constituída.

1 Identidade/s: somos realmente capazes de controlar nossos corpos com mais rigor do que nunca?⁴

Stuart Hall (2005) afirma que existem três concepções de identidade. A primeira delas baseia-se no sujeito do Iluminismo. De acordo com essa concepção, o indivíduo era “totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2005, p. 10). A existência do sujeito consistia, então, em nascer, desenvolver-se e permanecer o mesmo, essencialmente, ao longo da vida. A identidade de alguém, assim, era esse centro essencial imutável.

A segunda concepção traz a noção do sujeito sociológico. De acordo com ela, a formação da identidade acontece na interação entre o indivíduo e a sociedade. A essência interior do sujeito é formada e modificada na medida em que há uma comunicação contínua “com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2005, p. 11). Sendo assim, essa concepção é menos individualista do que a primeira, pois compreende que o sujeito não é autônomo e/ou auto-suficiente no que diz respeito à formação de sua identidade.

Por fim, há a terceira concepção que, a partir do processo de fragmentação da identidade pelo qual o indivíduo passa, de acordo com a segunda concepção, traz o sujeito pós-moderno, aquele que não possui uma identidade fixa, essencial e/ou permanente (HALL, 2005). Chega-se, dessa forma, à compreensão de que a identidade “é definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2005, p. 13).

Woodward (2009), ao discutir os conceitos de identidade e diferença, propõe que se considere alguns aspectos relacionados ao assunto, baseando-se em uma discussão de Michael Ignatieff. A partir de Ignatieff, Woodward (2009, p.14, grifos no original) assegura que “a identidade está vinculada *também* a condições *sociais e materiais*” e que a diferença “é estabelecida por uma *marcação simbólica*”. A marcação simbólica é o que possibilita a exclusão ou inclusão de um sujeito/indivíduo em determinadas relações sociais. Seguindo essa linha, entende-se que as relações sociais são organizadas por meio de *sistemas classificatórios* (WOODWARD, 2009), daí, surgem as divisões em grupos.

⁴ Bauman (2009, p. 118)

De acordo com Silva (2009, p.83), “as relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias”. Essas oposições seriam:

1 Relações de identidade	
Identities normais	Identities diferentes/desviantes
Masculino	Feminino
Branco	Negro
Heterossexual	Homossexual

Essas relações identitárias binárias provam que existe entre elas uma oposição que delimita superioridade para a primeira em relação à segunda. As relações de identidades são, então, demarcadas por relações de poder. Logo, aquele que se encaixa nas identidades que detêm o poder nas relações binárias é considerado “normal”, pois, de acordo com Silva (2009), essas identidades são tão “normais” que sequer são consideradas como *uma identidade específica* dentre outras, mas como *a identidade, natural e única*.

1.1 Questões de gênero: a mulher e o feminismo

Edições do dicionário Aurélio de 2001 e 2009, trazem a seguinte definição para o verbete “gênero”:

Gênero: *sm.* 1. Agrupamento de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4. *Antrop.* A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. Biol. Reunião de espécies [v. espécie (4)]. 6. Gram. Categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro (FERREIRA, 2009, p. 430).

Louro (1997) inicia uma discussão acerca do conceito de gênero destacando exatamente os diversos significados que uma palavra pode ter, inclusive nos dicionários. Em edições anteriores ao ano em que autora escreveu “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, por exemplo, o dicionário Aurélio não trazia um conceito para a palavra que estivesse relacionado à identidade dos indivíduos. A autora

explica, então, que o conceito de gênero o qual pretende enfatizar liga-se à história do movimento feminista, pois está ligado linguística e politicamente às lutas do movimento (LOURO, 1997).

Considera-se que o sufragismo, movimento que surge a partir do século XIX, que visa garantir às mulheres brancas da classe média o direito ao voto, tenha dado maior visibilidade às lutas contra a discriminação feminina. À busca por esse direito, acresceram-se outras reivindicações relacionadas aos estudos, mercado profissional e organização familiar. Após um tempo de acomodação, o movimento ganha uma “força maior” no século XX, década de 1960, quando as preocupações sociais e políticas a que o feminismo se dedicava passam a ser expandidas com fundamentações teóricas. Nessas discussões, começa-se a problematizar o conceito de *gênero* (LOURO 1997).

Ao discutir o conceito de gênero, é essencial que se esteja ciente de que tal concepção não pode ser confundida com as noções do que seria *sexo* e *sexualidade*, ainda que todos esses conceitos estejam, em determinados momentos, interligados.

Gênero passa a ser definido como algo distinto de sexo a partir de discussões de feministas anglo-saxãs. Os gêneros são construídos a partir das relações sociais, enquanto sexo está ligado aos órgãos que, biologicamente, “dizem” quem é “macho” e quem é “fêmea” e a sexualidade diz respeito aos desejos, interesses e paixões, não necessariamente condizentes ao gênero e/ou ao sexo do indivíduo em questão (LOURO, 1997).

A mídia, como destacam Louro (1997) e Moita Lopes (2008), tem focalizado temáticas que dizem respeito às lutas contra a opressão de mulheres, gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais. É possível acrescentar à lista os negros e os “estrangeiros”. A mídia passa a ser, assim, um instrumento de “divulgação” e reflexão acerca das identidades socialmente constituídas. É a ela que recorreremos para refletir a constituição de grupos identitários de raça, gênero e sexualidade, considerando o espaço que nos é apresentado na série OITNB.

2 Finja que são os anos 50. Fica mais fácil de entender⁵

⁵ A partir daqui, utilizamos frases ditas pelas próprias personagens da série, em determinadas situações comunicativas, para nomear os tópicos e ilustrar algumas visões particulares acerca das identidades que estamos observando.

Na série OITNB, a separação dos grupos por identidades é claramente perceptível. Apesar disso, há alguns acontecimentos na trama que deixam clara a divisão das tribos. Um evento essencial para marcar tal divisão é a eleição para representantes no conselho da prisão. O conselho deve escolher cinco representantes, exatamente uma para cada “tribo”. Eles acabam escolhendo, porém, uma para representar o grupo das mulheres negras, outra que estará à frente das mulheres latinas/hispânicas, uma terceira para representar as “senhoras” e as “outras”⁶ e uma quarta para o grupo das mulheres brancas.

O clima de eleições faz com que as prisioneiras se comportem de forma competitiva, atacando verbalmente as tribos “rivais”. Nos discursos das detentas, percebe-se uma carga de preconceitos em relação aos outros grupos. Iniciemos, então, a reflexão a respeito de três deles.

3 Olá, pessoas brancas e outras

De acordo com Hooks (2015, p. 197), apesar de muitas mulheres sofrerem a opressão sexista isso não é o suficiente para fabricar “um vínculo comum entre todas as mulheres”.

Há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no *status* social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham – diferenças essas raramente transcendidas.

Apesar de haver diversas provas que podem fundamentar a ideia de que tanto a identidade de raça como a identidade de classe geram desigualdades em relação ao *status* social ao qual determinado indivíduo pertence, ao estilo e à qualidade de vida, é inegável que, quando as mulheres são divididas por suas identidades raciais, as mulheres brancas possuem estudos e privilégios materiais que não fazem parte do contexto de grande parte das mulheres negras (HOOKS, 2015).

⁶ Na série, são definidas como “as outras” aquelas que não se encaixam em nenhum dos grupos já estabelecidos pelas presidiárias.

Para hooks (2015), o feminismo moderno tende a alimentar o pensamento de que o comportamento opressor é direcionado “a todas as mulheres”. Há um porém. Enquanto sistema de poder, o sexismo não define a serventia de “todas as mulheres” na sociedade, pois a opressão é caracterizada pela privação de opções. Considerando o fato de que algumas mulheres possuem determinados privilégios e outras não, a afirmação de que todas as mulheres sofrem opressão é, então, marcada como falsa.

O movimento feminista teve alguma repercussão e deu às mulheres alguma voz porque foi liderado, inicialmente, apenas por mulheres brancas de classe média. Mulheres negras, pobres, ou mesmo as de classe média, com ou sem formação universitária, que se declarassem como oprimidas não teriam sido ouvidas, não seriam levadas a sério (HOOKS, 2015), considerando o contexto histórico-social das décadas de 1960 e 1970.

Aplicando essa linha de raciocínio ao contexto prisional de OITNB, é notável que, apesar de termos aqui um contexto em que todas são mulheres que enfrentam ou já enfrentaram algum tipo de “opressão”, ainda assim é possível perceber que há, dentro de um grupo já considerado minoritário, um grupo “ainda mais minoritário” que o outro, o das mulheres negras.

Analisando uma situação enfrentada pela personagem “Taystee” Jefferson, percebemos a ausência de privilégios materiais da mulher negra em contraste à mulher branca. A personagem finalmente consegue sair da prisão, mas em poucos dias é apreendida novamente. Ao ser questionada por sua melhor amiga, “Poussey” Washington, sobre seu “retorno” à prisão, ela descreve as más condições em que teria de viver caso permanecesse fora da cadeia, deixando claro que sua raça e suas condições sociais não colaboram para que ela seja definitivamente uma mulher livre, mesmo estando fora do ambiente prisional.

O diálogo entre as duas amigas nos ajuda a compreendê-la:

Poussey: Quer falar sobre isso?

Taystee: Nem quero.

Poussey: Tenho que te dar um beliscão dos que vai doer por uma semana.

Taystee: Sabe o que não falam quando você sai? Que vão ficar na sua cola feito a KGB. (...) Fazer três entrevistas de emprego pra vagas que não vai conseguir! (...) Aqui, pelo menos, você tem comida. (...) O salário mínimo é uma piada. Eu trabalhava na Pizza Hut e ainda devo uns US\$ 900 pra prisão

em taxas. Eu não tenho lugar pra ficar! Eu dormia no chão da minha prima de segundo grau igual um cachorro. E lá moram seis pessoas em dois cômodos. (...) Todos meus conhecidos estão pobres, ou presos, ou mortos (Orange is the new Black, temporada 1, episódio 12).

No diálogo, Taystee aponta todas as discrepâncias que existem entre sair da cadeia como uma mulher negra e pobre ou sair de lá como uma branca de classe média, especialmente quando destaca o fato de que fará várias entrevistas de emprego e, possivelmente, não será aceita em nenhum.

Na trama, nenhuma das mulheres brancas passa por tais dificuldades como não ter onde ficar ou não ter condições de conseguir um emprego. Isso faz parte da identidade racial da negra que, de um jeito ou de outro, influencia claramente em sua identidade de classe. As negras não têm para onde ir, as brancas têm.

O quadro a seguir mostra as protagonistas do grupo identitário das negras, suas condições econômico-sociais e o motivo pelo qual cada uma delas foi presa.

2 Personagens negras em OITNB		
Personagem	Condição social	Motivo da prisão
Taystee	Pobre	Tráfico de drogas
Poussey	Classe média	Tráfico de maconha
Sophia	Classe média	Fraude de cartão de crédito
Suzanne	Filha adotiva de um casal branco de classe alta	Motivo desconhecido até então
Watson	Desconhecida	Roubo
Cindy	Pobre	Roubo
Vee	Pobre	Tráfico de drogas
Miss Claudette	Pobre	Assassinato

É importante notar que, num quadro contendo oito personagens negras, quatro delas podem ser consideradas pobres: Taystee, Cindy, Vee e Miss Claudette. As personagens viviam, fora da cadeia, em difíceis condições e, em se tratando de Taystee, Vee e Cindy, tudo o que tinham, economicamente falando, era fruto do tráfico ou do roubo. Apenas Miss Claudette não se envolveu em trabalhos ilegais. Ela se mudou do

Haiti para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida e conseguiu, trabalhando como doméstica, comandar uma empresa de limpeza. Foi presa por assassinar o agressor de uma de suas funcionárias.

Das personagens que não são consideradas pobres, Suzanne não se encaixa na identidade de classe pobre porque foi adotada, quando criança, por um casal branco de classe alta que pensou ser estéril. A identidade de classe de Watson é desconhecida. Apesar de ela ter sido presa por roubo, a trama não mostra se suas condições sociais eram muito baixas. Aparentemente, ela se envolveu em atividades ilegais apenas pela adrenalina, pois era uma atleta de destaque na escola e estava prestes a conseguir uma bolsa de estudos quando foi presa. Sophia e Poussey são as mais claras exceções do grupo. São negras, “mas” são parte da classe média. Poussey é filha de um militar que está sempre viajando pelo mundo e Sophia é casada, tem uma boa casa, um bom emprego e um filho, “mas” é uma transexual, precisa de medicamentos hormonais e apesar das boas condições em que vive, suas economias não são o suficiente para que ela consiga pagar pelos medicamentos, o que a levou a fraudar cartões de crédito para pagar suas despesas.

4 Eu tenho medo de não ser quem eu sou aqui dentro, e tenho medo de ser

Como comentado por Moita Lopes (2008), os programas de TV que focalizam histórias de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros possibilitam que os espectadores ampliem suas visões acerca do cotidiano e das lutas que são travadas pelos sujeitos/indivíduos que assumem tais identidades. Essas representações expõem significados mais amplos sobre a sexualidade.

Para Moita Lopes (2008, p. 136),

em vez de pensarmos em essência identitária ou homogeneidade identitária, devemos ter em mente sociabilidades continuamente em construção, fragmentadas, contraditórias e heterogêneas, como efeito das práticas discursivo-culturais em que nos engajamos e dos embates de poder aí situados.

Em OITNB, a homossexualidade é representada por meio de diversas personagens. Big Boo (Lea DeLaria) é o estereótipo de uma lésbica. De cabelos curtos,

muitas tatuagens, trejeitos masculinos, ela se comporta de forma a deixar clara sua identidade sexual. Alex Vause é o oposto, por suas roupas, maquiagem e comportamento, ela é exatamente o que uma lésbica estereotipada não é.

Piper Chapman, por outro lado, é um exemplo claro de que é possível, em determinados momentos, assumir identidades instáveis, contraditórias. Em Piper, percebemos que há o que Moita Lopes (2008, p. 137) chamou de “coexistência de atravessamentos identitários dentro da mesma pessoa”. No que diz respeito a sua sexualidade, ela não se considera lésbica, o que leva algumas de suas colegas prisioneiras a se questionarem a respeito e até mesmo a criarem piadas em relação a isso.

A *storyline* da personagem nos permite saber que ela só está na cadeia porque namorou uma mulher traficante de heroína. Durante o namoro, ela ajudava a namorada com os tráficos. Mesmo 10 anos após o rompimento do relacionamento, quando Piper está noiva de um rapaz chamado Larry (Jason Biggs), a quadrilha de Alex Vause, sua ex-namorada, é descoberta, e Alex coloca o nome de Piper como uma das integrantes da quadrilha.

No diálogo de Piper com sua família, em que ela tenta explicá-los porque será presa, sua sexualidade é questionada, pois é a primeira vez que ela menciona aos parentes que já namorou uma mulher.

Mãe: Você era lésbica?

Piper: Na época.

Irmão: E ainda é?

Piper: Não, eu não sou mais lésbica.

Larry: Tem certeza?

Piper não responde.

(Orange is the new Black, Temporada 1, Episódio 1)

No diálogo, ao ser questionada sobre ter sido lésbica, a resposta de Piper (“Na época.”) nos mostra a instabilidade das identidades sexuais. Moita Lopes (2008) afirma que não é possível determinar para uma pessoa um objeto sexual de forma clara e objetiva, pois a sexualidade trata-se de uma questão de “estar” e não de “ser”.

Após ser presa, Piper reencontra Alex na cadeia. No início, a relação entre as duas é quase insustentável. Piper mostra-se muito resistente e não quer qualquer contato

com a ex. Mas após ir para a solitária por um suposto mau comportamento, denominado por um agente prisional como “atividade lésbica”, ela retorna decidida a reatar seu relacionamento com Vause. A essa altura da história, ela está se relacionando ao mesmo tempo com seu noivo Larry e com sua ex-namorada Alex.

A partir daí, é perceptível a dificuldade de Piper em encontrar uma definição do que ela é. Ela não admite que sua sexualidade seja questionada apenas por namorar Alex. Nesse contexto, vemos que a sexualidade é “cambiante” e “dinâmica”. Em práticas discursivas diferentes, os objetos de desejo estão sujeitos a serem, também, diferentes (MOITA LOPES, 2008).

Enquanto estava fora da cadeia, Piper assumia a identidade *heterossexual*. Ao ir para a cadeia e reencontrar sua ex-namorada, seu objeto de desejo, já que seu noivo não está ao seu lado, passa a ser Alex. Ela assume, então, nesse contexto, nessa diferente prática discursiva, a identidade *homossexual*. Ao tentar justificar seu relacionamento com Alex, ela utiliza justamente o discurso de que, dentro da cadeia, ela precisa de alguém para tocar e amar. Isso prova que “nossas ‘performances’ de sexualidade podem ser mutáveis” (MOITA LOPES, 2008, p. 141).

A sexualidade é um processo discursivamente construído de forma contínua, constante, nunca acabada (MOITA LOPES, 2008), pois as identidades podem ser alteradas de acordo com a época ou o espaço em que estão inseridos os sujeitos/indivíduos e, da mesma forma que o mundo social não é fixo, as identidades também não o são (MOITA LOPES, 1998).

5 Eu finalmente sou quem eu deveria ser

A transexualidade é a identidade do sujeito que se identifica com o gênero que se opõe ao sexo biológico com o qual nasceu, por isso, sente a necessidade de viver, nas relações sociais, de acordo com a certeza de que sua identidade de gênero diz respeito ao oposto de seu sexo biológico. Sendo assim, o transexual busca dar sentido àquela identidade que considera compatível às experiências subjetivas que ele tem de si (ZAMBRANO, 2011).

Na série OITNB, Marcus é um bombeiro. Casado com uma mulher chamada Crystal, com quem tem um filho, Michael. Ao perceber a necessidade de adequar sua identidade de gênero que vai de encontro ao seu sexo biológico, inicia sua trajetória

transexual. Para conseguir arcar com as despesas de casa e do tratamento hormonal, ela, cujo nome agora é Sophia, encontra problemas financeiros e fraudas cartões de crédito. Ao ser descoberta, é presa e vai para a Penitenciária Feminina de Litchfield.

Sophia é uma personagem que assume diversas identidades na trama, é uma mulher trans, negra, moradora do subúrbio norte-americano, casada com uma mulher, que aceita sua identidade de gênero, “pai” de um adolescente, sendo, assim, parte de vários grupos minoritários ao mesmo tempo. Suas maiores dificuldades, porém, estão na discriminação por conta de sua identidade de gênero. Discriminação que parte, inclusive, da própria instituição carcerária, que controla e “proíbe” a medicação da qual ela precisa para continuar readequando seu corpo dentro da prisão.

Dentro do ambiente carcerário, Sophia passa por três momentos em que sua identidade é questionada e discriminada. No primeiro momento, seus remédios hormonais são cortados pelos agentes e médicos prisionais, por não serem considerados essenciais. Em uma conversa entre a transexual e o agente penitenciário Healy (Michael Harney) sobre o corte nas medicações, pode-se perceber tais considerações discrepantes:

Healy: A prisão não pode mais fornecer hormônios de última geração.

Sophia: Se eu não tomar o meu remédio, vou ter crise de abstinência. Sensação de calor, sudoração noturna. Meu rosto cairá e os pelos voltarão a crescer. (...)

Healy: Está bem! O que quer de mim?

Sophia: Quero uma consulta médica.

Healy: Só pode ir à clínica se for uma emergência.

Sophia: Isto é uma emergência.

Healy: Bem, nós não concordamos com isso.

(Orange is the new Black, Temporada 1, Episódio 3)

Considerando que as medicações hormonais devem ser controladas com acompanhamento médico, percebemos que há certa negligência da instituição carcerária em cortar a medicação da detenta sem aviso prévio ou consulta a profissionais médicos. Mas para cortar gastos da prisão, os agentes decidiram diminuir significativamente as doses, afirmando, como se pode ver na última fala do agente Healy, que a instituição não concorda que a situação de Sophia seja importante o suficiente para que ela tenha

acompanhamento médico para controle de suas doses medicamentosas. Após alguns dias, por motivos outros, a instituição retorna a utilizar normalmente suas verbas e Sophia passa a receber suas doses de medicação normalmente.

A segunda situação discriminatória vivida pela transexual acontece dias depois, quando Tiffany Doggett (Taryn Manning) questiona e condena sua presença dentro da capela da prisão, chamando Sophia de “aquilo” e alegando que Deus está irado com a presença de uma abominação dentro da igreja, considerando que ela, por ser como é, não deveria estar em um local sagrado.

Por fim, temos o momento em que algumas prisioneiras questionam se ela deveria mesmo estar presa em uma cadeia feminina, considerando que ela “não é uma mulher de verdade”. Essa conversa dá início a uma discussão e Sophia acaba levando uma surra. Como punição, a transexual é levada para a solitária, pois, de acordo com os agentes, a briga não teria acontecido se Sophia não fosse quem ela é.

Considerações provisórias

Ao desenvolver as discussões teóricas e a breve análise das identidades representadas na série OITNB, observamos que a prisão e as consequentes discriminações vivenciadas nesse contexto, retratado pela mídia, demonstra como as diversidades existentes na sociedade estão sujeitas a serem cambiantes, instáveis e socialmente discriminadas.

As identidades são constituídas a partir de relações hierárquicas. Estamos sujeitos a fazermos parte do polo que desenvolve, articula e desempenha suas identidades a partir de seus interesses e de suas identificações particulares, como também estamos suscetíveis a estarmos no pólo dos que não possuem acesso à escolha em relação à qual identidade pretende assumir e, por isso, sofrem as opressões sociais, pois essas identidades tornam os sujeitos/indivíduos em seres estereotipados, humilhados, desumanizado e estigmatizados (BAUMAN, 2005).

A mídia, como meio de formação de opinião pública em massa, pode ser um importante instrumento para a representação de identidades minoritárias e discriminadas, como forma de buscar propiciar a reflexão acerca de tais identidades visando a formação de concepções menos desumanizadoras a respeito do que é ser uma mulher, negra, homossexual, ou transexual nas relações sociais.

Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Vida líquida**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, G. L. A emergência do gênero. In: **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Mercado das Letras, 1998. p. 303-332.

_____. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 125-148.

ORANGE is the new black. Produção: Neri Kyle Tannenbaum; Jenji Kohan. Estados Unidos: Netflix, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. et al. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

ZAMBRONO, Elizabeth. **Transexuais:** identidade e cidadania. In: Diversidade sexual e homofobia no Brasil. (Orgs.) Gustavo Venturine e Vilma Bokany. Instituto Rosa Luxemburgo Stiftung. São Paulo: Editora Fundação, Perseu Ambramo, 2011.